

UM ESTUDO INICIAL SOBRE OS FATORES DETERMINANTES NO CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA NA VIDA DE MULHERES EMPREENDEDORAS

[\[ver artigo online\]](#)

Amanda Maria Fonseca Picancio¹

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender um novo cenário mundial, onde as mulheres estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, buscando independência e autorrealização: o empreendedorismo feminino. A presente pesquisa buscou identificar os principais fatores geradores de conflitos na vida pessoal e profissional do sexo feminino. Através deste trabalho, foi possível também compreender o surgimento e a evolução do empreendedorismo no mundo, analisar as mudanças do papel da mulher na sociedade e identificar os impactos causados pelos conflitos na vida de mulheres que empreendem. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres atuantes no estado do Rio de Janeiro, donas de seus próprios negócios. O método utilizado para análise dos dados foi a análise do conteúdo, após a transcrição das entrevistas realizadas, e através dele foi possível observar que o principal fator gerador de conflitos na vida pessoal e profissional das mulheres é o tempo. Apesar de ser considerada uma atividade que oferece flexibilidade quanto aos horários, observou-se que há uma sobrecarga de trabalho, e conseqüentemente essas mulheres precisam dedicar mais horas do seu dia para o trabalho, o que muitas vezes gera conflitos familiares. Esses conflitos, aliados a um acúmulo de funções – tarefas domésticas principalmente – ocasionam, além de impasses familiares, um alto nível de estresse na vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino; Conflitos; Vida familiar;

¹ Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-Graduada em MBA Gestão Empresarial e Gestão de Pessoas pela União Brasileira de Faculdades. E-mail:

amanda.mfp1@gmail.com.

AN INITIAL STUDY ON DETERMINING FACTORS IN THE WORK- FAMILY CONFLICT IN THE LIFE OF WOMEN ENTREPRENEURS

ABSTRACT

This study aimed to understand a new world scenario, where women are increasingly in the labor market, seeking independence and self-realization: female entrepreneurship. This study aimed to identify the main factors causing conflicts in personal and professional life of women. Through this study, we also understand the emergence and evolution of entrepreneurship in the world, point out the characteristics of the entrepreneurial profile, analyze the role of women in society changes, points out the main characteristics of female entrepreneurship and how it was managed and identify impacts of conflict on women who undertake. We conducted semi-structured interviews with five women active in the state of Rio de Janeiro, owners of their own businesses. The method used for data analysis was the analysis of the content, after the transcription of the interviews, and through it was observed that the main factor generating conflicts in personal and professional life of women is time. Although considered an activity that offers flexibility in terms of times, it was observed that there is an overload of work, and consequently these women need to devote more hours of your day to work, which often generates family conflicts. These conflicts, coupled with an accumulation of functions - mainly household chores - cause, and family dilemmas, a high level of stress in the lives of these women.

Keywords: Women's entrepreneurship; conflict; family life;

INTRODUÇÃO

Devido às mudanças no ambiente de trabalho e a maneira como os indivíduos se relacionam com ele, a busca pelo empreendedorismo vem crescendo gradativamente ao longo do tempo. Segundo Dornelas (2001), a rapidez oriunda das mudanças tecnológicas e a competição econômica também contribuem para a ênfase neste assunto.

De acordo com o autor, empreendedorismo é o ato de transformar ideias ou oportunidades em algo rentável. Mas além dessa ideia de criar um novo negócio, o empreendedorismo pode ser tratado também como um processo, um modelo de gestão, e até mesmo um comportamento. Há tempos acreditava-se que apenas podiam empreender aquelas pessoas que nasciam predestinadas a isso, que já nasciam com as características empreendedoras. Porém, sabe-se atualmente que qualquer pessoa pode adquirir as habilidades necessárias para o empreendedorismo, basta apenas que ela se capacite e se desenvolva para isto.

A mulher também sofreu grandes transformações quanto ao seu papel na sociedade. Antes ligadas exclusivamente às tarefas e cuidados com o lar e a família, as mulheres galgaram tratamento igualitário perante os homens, buscando o reconhecimento e a valorização no mercado de trabalho. Há tempos, existia um maciço preconceito e uma grande inferioridade em relação aos homens, refletidos em baixos salários e cargos de menor autonomia.

Com o crescimento dos movimentos de estímulo ao empreendedorismo, as mulheres passaram então a atuar mais enfaticamente no sentido de desenvolver seus negócios, uma vez que através dele podiam buscar um horário mais flexível, conciliar os cuidados com a família e a vida profissional e, muitas dessas mulheres, optaram pelo empreendedorismo como forma de geração de renda para a família, pois muitas vezes a mulher é a principal responsável pelo sustento da casa. Assim, a sociedade viu emergir mulheres mais independentes, em busca de realização e sucesso profissional.

Segundo a pesquisa realizada pela *Global Entrepreneurship Monitor - GEM* (2012, p. 12), 49,6% do total dos empreendedores iniciais são mulheres, o que significa que o público feminino vem enfrentando de forma crescente o mercado empresarial, transformando cada vez mais a sociedade em que está inserido.

Entretanto, juntamente com o crescimento do empreendedorismo feminino na sociedade, começaram também a surgir conflitos na vida dessas mulheres. Esses conflitos podem surgir de inúmeras formas e podem causar grandes impactos tanto na vida pessoal, quanto profissional dessas empreendedoras.

Desta maneira, utilizando também as teorias do curso de Administração, este artigo teve como objetivo investigar os principais fatores determinantes no conflito trabalho-família na vida de mulheres empreendedoras, analisando também de que forma esses conflitos podem impactar a vida pessoal e profissional dessas mulheres. Ademais, com esta pesquisa, buscou-se identificar maneiras de amenizar ou até mesmo extinguir os impactos negativos causados pelos conflitos na vida de mulheres empreendedoras.

Assim, o problema de pesquisa norteador deste trabalho foi: quais os fatores determinantes no conflito trabalho-família na vida de mulheres empreendedoras?

Para atingir o objetivo de definir quais os fatores determinantes no conflito trabalho-família na vida de mulheres empreendedoras atuantes no estado do Rio de Janeiro, buscou-se também: apontar as características da mulher empreendedora, identificar os fatores que motivam o sexo feminino a empreender, e, analisar os impactos causados pelos conflitos na vida pessoal e profissional das empreendedoras.

Ao realizar uma pesquisa que foque o empreendedorismo feminino, apontando suas características e modelos de gestão, as mudanças enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho e na sociedade ao longo dos anos e o surgimento de conflitos e seus respectivos impactos na vida dessas mulheres, será possível fomentar discussões acerca dos vários papéis desempenhados pelas mulheres, e as dificuldades e preconceitos enfrentados por elas em sua vida pessoal e profissional. Estas discussões poderão contribuir com um maior esclarecimento quanto a importância da mulher no cenário econômico atual, permitindo também a desconstrução da ideia de que os homens são mais competentes do que as mulheres, e que a responsabilidade pela manutenção do lar é apenas do sexo feminino.

Ao identificar e analisar os fatores determinantes para o surgimento de conflitos na vida de mulheres empreendedoras, será possível identificar dispositivos importantes para a mitigação ou extinção de tais conflitos, melhorando o convívio familiar dessas empreendedoras e podendo até mesmo contribuir com a redução nos casos de estresse e doenças ocupacionais, ocasionadas pela sobrecarga da dupla ou tripla jornada.

Além disso, levando-se em consideração que o empreendedorismo é uma importante atividade geradora de empregos e que implica no desenvolvimento da economia do país, este artigo poderá encorajar outras mulheres a buscarem o empreendedorismo como forma de geração de renda, uma vez que muitas mulheres atualmente são as principais responsáveis pela renda familiar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O SURGIMENTO E A EVOLUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO

Segundo Dolabela (2006), o empreendedorismo é um fenômeno secular, pois existe desde as primeiras inovações do homem, com o intuito de melhorar a sua relação com os que estão ao seu redor e com o meio ambiente. Porém, segundo o autor, a primeira utilização do termo empreendedorismo surgiu com o mercador e explorador Marco Pólo, ao tentar estabelecer uma rota comercial para o Oriente, com o intuito de vender algumas mercadorias de um homem que possuía dinheiro (capitalista). Caso o mercador obtivesse sucesso na venda das mercadorias, o lucro era dividido, cabendo ao capitalista até 75%, enquanto Marco Pólo ficava com os 25% restantes da transação. Devido a este fato, Marco Pólo ficou conhecido como o “aventureiro empreendedor”, pois para vender tais mercadorias, assumiu riscos físicos e emocionais.

Construindo uma perspectiva histórica, diversos autores (Dolabela, 2006; Dornelas, 2008; Hirish, 2006) destacam ações empreendedoras desde a Idade Média, quando o termo “empreendedor” era a definição daquele que gerenciava grandes projetos de produção sem assumir muitos riscos, utilizando apenas recursos que eram disponibilizados pelo governo. Já em meados do século XIX e início do século XX, por muitas vezes os empreendedores eram confundidos com os administradores, definidos como os responsáveis pela organização, planejamento, direção e controle das empresas, mas sempre com base na ideia de que o “capitalista” ditava as regras.

A partir de meados do século XX, o empreendedorismo começou a ganhar força em todo o mundo, uma vez que muitos desempregados juntavam as poucas economias que tinham para abrir seu próprio negócio, e com isso, o processo de empreender começou a se firmar na sociedade. Segundo Dornelas (2001), a rapidez oriunda das mudanças tecnológicas e a competição econômica também contribuíram para a ênfase neste assunto.

De acordo com Hisrich (2004), existem algumas etapas que consistem na decisão de iniciar um empreendimento: decisão de abandonar a carreira atual ou estilo de vida, decisão de que um empreendimento é desejável e decisão de que os fatores internos e externos tornam possível a criação do empreendimento.

Conforme ilustrou Dornelas (2008), existem sete perspectivas para a natureza do termo empreendedorismo, o que esclarece que este termo pode ser utilizado em qualquer organização em que existam uma ou mais perspectivas, seja ela já existente ou estando em fase de criação.

Quadro 1 - Sete perspectivas para a natureza do empreendedorismo

Criação de Riqueza	Empreendedorismo envolve assumir riscos calculados associados com as facilidades de produzir algo em troca de lucro
Criação de Empresa	Empreendedorismo está ligado à criação de novos negócios, que não existam anteriormente
Criação da Inovação	Empreendedorismo está relacionado à combinação única de recursos que fazem os métodos e produtos atuais ficarem obsoletos
Criação da Mudança	Empreendedorismo envolve a criação da mudança, através do ajuste, adaptação e modificação da forma de agir das pessoas, abordagens, habilidades, que levarão a identificação de diferentes oportunidades
Criação de Emprego	Empreendedorismo não prioriza, mas está ligado a criação de empregos, já que as empresas crescem e precisarão de mais funcionários para desenvolverem suas atividades

Criação de Valor	Empreendedorismo é o processo de criar valor para os clientes e consumidores através de oportunidades ainda não exploradas
Criação de Crescimento	Empreendedorismo pode ter um forte e positivo relacionamento com o crescimento das vendas da empresa, trazendo lucros e resultados positivos

Fonte: Adaptado de Dornelas, 2008.

Dornelas (2008) ressalta ainda que o empreendedorismo é um fenômeno social, uma manifestação da liberdade humana, um comportamento. Além disso, ainda segundo o autor, o empreendedorismo deve sempre objetivar a construção do bem estar coletivo, fundamentalmente baseado na cidadania, não podendo somente visar o enriquecimento pessoal (DORNELAS, 2001).

O empreendedorismo pode ocorrer ao criar novos negócios (*start-ups*), ou em empresas já estabelecidas, o que chamamos de empreendedorismo corporativo. No Quadro 2, podemos observar uma análise comparativa entre ambas as situações.

Quadro 2 - Semelhanças entre o empreendedorismo corporativo e o empreendedorismo de *start-up*

Ambos envolvem o reconhecimento, a avaliação e a exploração de uma oportunidade.
Ambos requerem um conceito único, com diferencial, que leve à criação de novos produtos, serviços, processos ou negócios.
Ambos dependem de um indivíduo empreendedor, o líder, que forma uma equipe que o ajudará a implementar esse conceito.
Ambos requerem que o empreendedor esteja apto a balancear visão com habilidades gerenciais, paixão com pragmatismo e proatividade com paciência.
Em ambos os casos, o empreendedor encontrará resistências e obstáculos e precisará ser perseverante, necessitando ainda da habilidade de encontrar soluções inovadoras para os problemas.
Ambos envolvem riscos que requerem estratégias de gerenciamento desses riscos.
Ambos requerem do empreendedor estratégias criativas para identificar e buscar recursos.
Ambos requerem do empreendedor a definição de estratégias de colheita, ou seja, como e quando o negócio retornará os investimentos realizados.

Fonte: Adaptado de Dornelas, 2008.

Ainda segundo o autor, o empreendedorismo corporativo pode ter um grau de dificuldade bem maior que do que o empreendedorismo em start-ups, pois existem fatores limitantes como burocracia e regras já estabelecidas, além do empreendedor normalmente não possuir o controle da organização. Entretanto, nos novos negócios muitas vezes são poucos os recursos existentes, a empresa ainda não é reconhecida no mercado e o gerenciamento do seu crescimento é uma difícil tarefa, principalmente quando a gestão não é profissionalizada, o que pode levar até mesmo ao fracasso da organização.

Nos últimos anos, devido ao grande desenvolvimento tecnológico e a globalização de mercados, aliados a clientes mais atentos e exigentes, muitas empresas vêm buscando uma maneira de se atualizarem no mercado. As grandes empresas, com seus grandes benefícios e inúmeros atrativos, agora dividem o espaço com um novo modelo, o de empresas mais ágeis e flexíveis.

Segundo Dornelas (2008), o principal atrativo das empresas atuais são as pessoas. Ainda segundo o autor, há alguns anos atrás jamais se pensou que empresas “de garagem” pudessem se tornar referências mundiais, e isto vem acontecendo graças ao poder de inovação que elas oferecem.

O empreendedorismo nunca esteve tanto em evidência como atualmente, e por este motivo estamos vivendo a chamada era do empreendedorismo. Segundo Strobino e Teixeira (2014), no Brasil, as micro e pequenas empresas representam 99% das empresas existentes e 51,63% da geração de postos de trabalho.

No Brasil os estudos relacionados à área se intensificaram somente a partir da década de 1990, ao mesmo tempo em que surgiram entidades como o Sebrae. Desde então, o significado de empreendedorismo vem sofrendo diversas modificações, uma vez que novos estudos são realizados e novas características são atribuídas às pessoas definidas como empreendedores.

De acordo com pesquisa realizada pela GEM (2012, p. 9), 43,5% das pessoas entrevistadas desejavam ter seu próprio negócio, enquanto apenas 24,7% desejavam construir suas carreiras em uma empresa.

Estes dados mostram o avanço do empreendedorismo no mundo contemporâneo e as mudanças no ambiente de trabalho, uma vez que benefícios e uma probabilidade de consolidação de carreira em grandes empresas não são mais diferenciais para os indivíduos.

Diversos países têm oferecido apoio às iniciativas empreendedoras, por reconhecerem que são de extrema importância para o desenvolvimento econômico e para a geração de emprego e renda. O Brasil já avançou bastante em relação à disseminação e o incentivo do empreendedorismo, porém ainda há muito que melhorar.

De acordo com Dornelas (2008), um fator preocupante identificado no GEM, com relação ao Brasil, é o de que a maior parte dos negócios próprios é baseada no empreendedorismo por necessidade. Ou seja, não são negócios que visam a inovação e novos nichos de mercado, mas sim negócios para suprir as necessidades de sobrevivência do indivíduo. Dornelas (2008) afirma ainda que “quanto mais empreendedorismo de oportunidade estiver presente em um país, maior será o seu desenvolvimento econômico, o que, por conseguinte, permitirá a esse país a criação de mecanismos que estimulem as iniciativas empreendedoras”.

A expectativa é que, com os investimentos e incentivos do governo, esta atividade se torne cada vez mais comum, principalmente entre o público feminino, que tem buscando constantemente sua independência e realização.

2.2 O PERFIL EMPREENDEDOR

Segundo Dornelas (2008) “o empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem, antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização”. Já para Chiavenato (2004) “o empreendedor é a pessoa que inicia ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente”.

Existem inúmeras características relacionadas ao perfil empreendedor. De acordo com Dornelas (2008), pode-se considerar empreendedor aquele que, quando insatisfeito, busca formas de melhorias não somente para si, mas também para quem está a sua volta. É alguém com rapidez para tomadas de decisões, assumindo riscos ao investir muitas vezes no desconhecido, buscando constantemente o desejo de realização.

No início do século XX, os empreendedores eram constantemente confundidos com os administradores. Porém, existem diferenças básicas entre ambos, e conforme afirma Dornelas (2008), para se obter sucesso profissional, todo empreendedor precisa necessariamente ser um bom administrador. No entanto, nem todo bom administrador é um empreendedor, por não possuir as características básicas para isto.

Se antes considerado um perfil nato, essa definição vem se modificando ao longo do tempo. Além da participação da família, que muitas vezes influencia no desenvolvimento do perfil empreendedor, a vivência e o relacionamento com amigos, colegas de trabalho e com a sociedade em geral pode também contribuir para o desenvolvimento de determinadas características.

Com os estudos e pesquisas realizadas na área, atualmente qualquer pessoa pode adquirir conhecimentos e habilidades para empreender, uma vez que existem atualmente diversas opções de capacitação no mercado para os empreendedores. Muitas instituições educacionais, corporações e unidades governamentais estão endossando o empreendedorismo através de cursos de graduação, áreas de especialização e centro de atividades empresarial.

Atualmente, o governo brasileiro tem investido em grande escala nos incentivos ao empreendedorismo, visto que esta é uma atividade de extrema importância para a geração de empregos e desenvolvedora da economia. Segundo Hisrich (2004), em outros países o governo também vem incentivando a população através de vantagens nos impostos, prédios, estradas e um sistema de comunicações para facilitar o processo de criação.

Entretanto, muito além de um indivíduo que cria uma empresa, o empreendedor também é uma forma de ser e de se relacionar com a sociedade, é um comportamento. Empreendedores não são somente aqueles que abrem o seu negócio próprio, por exemplo. O empreendedorismo é uma concepção de mundo, é a forma como se lida com as oportunidades existentes, ou como se leva uma inovação para dentro de um setor, por exemplo. O empreendedor, ao menor sinal de insatisfação e incômodo, se movimenta para fazer diferente.

Podemos dividir o empreendedorismo em duas grandes vertentes: o empreendedorismo por necessidade e o empreendedorismo por oportunidade.

O indivíduo que empreende por necessidade busca este ramo como gerador de renda. Muitas vezes são pessoas desempregadas, que não tiveram oportunidade de estudar e que buscam o emprego informal para sobreviver e manter sua renda familiar. Já o empreendedor por oportunidade é alguém que enxerga atividades pouco exploradas pelo mercado (nicho de mercado), visualizando então uma boa oportunidade para investimento. Geralmente, os empreendedores por oportunidade são jovens, que estão buscando cada vez mais capacitações para lidar com o mercado e assimilam com mais facilidade as mudanças no ambiente em que estão inseridos, o que facilita o processo, pois são conhecedores de informações importantes para enxergar lacunas no mercado e identificar as necessidades dos clientes.

2.3 A EVOLUÇÃO DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

O sexo feminino tem passado por diversas transformações quanto seu papel na sociedade. De acordo com Kuhner (1977), na comunidade primitiva as mulheres exerciam as mesmas funções que o homem, como caçar, pescar e guerrear. Após o período nômade, a principal função atribuída à mulher era a procriação, enquanto ao homem cabia a responsabilidade da sobrevivência da família. Contudo, ainda segundo a autora, com a descoberta dos instrumentos para a agricultura e fundição de metais, o homem tornou-se o senhor da terra e passou a ter valor econômico, além do valor social, e então a mulher foi reduzida à procriação e as atividades domésticas. Essa representação social da maternidade colocou diversas barreiras quanto o sexo feminino na sociedade e no mercado de trabalho.

A realidade quanto o papel da mulher na sociedade e no mercado de trabalho começou a sofrer significativas mudanças ainda no século XX, durante as duas grandes Guerras Mundiais, pois muitas mulheres precisaram sair de suas casas e atuar no mundo produtivo, uma vez que seus maridos estavam nos campos de batalha. Já na década de 60, a queda da taxa de natalidade devido a popularização da pílula anticoncepcional contribuiu também para o incentivo da inserção das mulheres no mercado de trabalho, e não somente nos trabalhos femininos tradicionais. De acordo com Amorim e Batista (2011), na década de 70 surgiram os primeiros movimentos sindicais e feministas no Brasil, e com a Constituição Federal de 1988 as mulheres conquistaram igualdade jurídica, sendo consideradas tão capacitadas quanto os homens.

Ao longo dos anos, as mulheres buscaram lutar por direitos iguais, seja em casa ou em seu ambiente de trabalho. Antes, participavam do mercado de trabalho com empregos tipicamente femininos, como professora, costureira, enfermeira. Não ocupavam cargos de prestígio e poder nas empresas, e mesmo quando começaram a ocupar, possuíam salários inferiores aos homens com mesmo cargo e responsabilidade, além de questionamentos de sua capacidade e inteligência.

Atualmente, o preconceito permanece em algumas empresas e indivíduos, porém em um nível moderado. Muitas mulheres começaram a buscar capacitações e especializações, e algumas até mesmo inverteram os papéis com seus cônjuges. Não é raro encontrar famílias em que os homens cuidam da manutenção de seus lares, enquanto as mulheres são responsáveis pela renda familiar. O sexo feminino vem, cada vez mais, conquistando respeito e reconhecimento, buscando a valorização constante de seu trabalho.

Entretanto, muitas mulheres também sofrem com a responsabilidade financeira da casa. Muitas são mães solteiras, e precisam abdicar parte do tempo com seus filhos para buscar o sustento da casa, abrindo mão de momentos importantes e únicos na criação de seus filhos. Existem também os casos de preconceito dentro da própria casa, quando os maridos e/ou parentes não incentivam ou até mesmo colocam à prova a competência de suas companheiras, o que acaba se tornando uma grande dificuldade na decisão de empreender. Essa dupla jornada é alvo de grande sofrimento de mulheres que precisam ser mães e donas de casa, e ao mesmo tempo, carregam o peso de precisarem ser também profissionais competentes.

No momento atual, o sexo feminino tem demonstrado grande interesse no mundo empreendedor, seja por necessidade ou por vislumbrarem boas oportunidades no mercado. Dados publicados no Relatório sobre Mulheres e Empreendedorismo do GEM (2013, p. 24), apontam uma maior participação do sexo feminino no empreendedorismo, 51,9%, contra 48,1% de participação masculina.

Segundo o Sebrae (2005), o sexo feminino atua de forma destacada em algumas áreas, como a indústria de alimentos, o comércio de confecções e a prestação de serviços educacionais, e tem como grande impulsionador do empreendedorismo a necessidade financeira.

Atualmente, atua também em áreas tipicamente masculinas, entretanto em menor escala e geralmente recebendo em média 30% a menos que o sexo masculino, mesmo possuindo, muitas vezes, mais anos de estudo. Além disso, de acordo com Guimarães (2010), as mulheres enfrentam maiores empecilhos no acesso às fontes de financiamento, precisando recorrer muitas vezes a economias pessoais, penhor de joias, venda de imóveis ou até mesmo a empréstimos com familiares e amigos, além de sofrerem discriminação nos processos sucessórios nas empresas familiares. Também encontram dificuldade em atuar em alguns mercados internacionais, onde homens simplesmente se recusam a fazer negócio com mulheres. (BARBOSA *et. al.* 2011).

De acordo com Gomes e Santana (2004 *apud* STROBINO E TEIXEIRA, 2014), um dos principais fatores que levam as mulheres a optarem pelo empreendedorismo é a ideia de flexibilização de horário, pois elas acreditam que sendo donas de suas empresas será mais fácil conciliar a vida profissional e pessoal. Porém, são poucas as empreendedoras que conseguem definir uma barreira entre trabalho e família. Pelo contrário, essas empreendedoras acabam trabalhando por inúmeras horas durante o dia, pois são diretamente responsáveis pelo sucesso ou fracasso do negócio, o que acaba gerando uma série de conflitos. Além disso, podemos citar como fatores determinantes para o empreendedorismo o desejo de realização e independência, a percepção de oportunidades e até mesmo por terem em suas famílias o exemplo de algum empreendedor.

Diversos estudos foram realizados para determinar os perfis dessas mulheres empreendedoras, e algumas semelhanças foram encontradas nessas pesquisas, conforme cita Machado (1999):

- Bom nível educacional, mesmo com pouco conhecimento de habilidades gerenciais;
- Predomínio de primogênitais ou filhas únicas, o que os autores explicam como resultado de maior tempo dedicado pelos pais a essas filhas, gerando assim um maior grau de confiança em si próprias, que pode ter contribuído para a iniciativa empresarial;

- Predomínio de pais empreendedores, que teriam servido de modelo de identificação para essas empreendedoras;
- A faixa etária predominante encontra-se entre 31 a 50 anos de idade;

Ao longo de todo esse período em que buscavam seu espaço, as mulheres conquistaram um estilo próprio ao empreenderem, um modelo de gestão feminina. Na maioria das vezes sensíveis, essas mulheres valorizam o bem-estar de seus funcionários, e lidam mais facilmente com multitarefas, muitas vezes de melhor forma que os homens. Mostram certa tendência à organização e são abertas ao diálogo, administrando conflitos e situações presentes no cotidiano. São delicadas, porém firmes e conservadoras quanto ao quesito risco, e tentam comprovar a todo o momento que as mulheres são capazes de ocupar cargos de liderança e influência com a competência exigida.

Segundo Machado (1999), a mulher empreendedora atua ao mesmo tempo com características masculinas (iniciativa, coragem, determinação) e características femininas (sensibilidade, intuição, cooperação), que especificam um estilo próprio, contribuindo assim com processo de obtenção de espaço de poder e atuação de uma maneira diferenciada.

Entretanto, apesar da liberdade e da flexibilização de horário que o empreendedorismo proporciona, muitas mulheres acabam não separando sua vida profissional de sua vida particular, dedicando muitas horas diárias aos assuntos de seus negócios. Além disso, a frustração na divisão de tarefas domésticas com o cônjuge e a falta de apoio familiar geram muita pressão, ocasionando estresse, afastamento do trabalho por problemas físicos e/ou emocionais, e em alguns casos até mesmo o divórcio. São os chamados conflitos, que começam a surgir e a impactar tanto a vida pessoal quanto profissional dessas mulheres.

2.4 CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA

No mundo contemporâneo, existem diversas discussões a respeito de um equilíbrio, uma divisão saudável entre a vida pessoal e profissional, buscando harmonia e sinergia entre ambos. Quando não há esse equilíbrio entre as partes, começam a surgir conflitos, que podem trazer sérias consequências físicas e emocionais ao longo da vida desses indivíduos.

Diante da luta da classe feminina por reconhecimento no mercado de trabalho, muitas mulheres procuraram meios para encaixar-se nos estereótipos estabelecidos. Segundo Guimarães (2010), dessa maneira muitas mulheres assumiram longas jornadas de trabalho, incluindo jantares de negócio, excessivas reuniões, viagens aos finais de semana, entre outros fatores que culminaram em conflitos entre sua vida profissional e pessoal. Segundo Strobino e Teixeira (2014), o principal fator determinante para estes conflitos é o tempo dedicado ao trabalho, o que implica em menos tempo com a família. Grande parte dessas mulheres empreendedoras carrega o sentimento de culpa por não estarem tão presentes quanto gostariam na vida de seus familiares.

Ademais, a falta de apoio familiar também gera situações conflitantes, transformando a atividade empreendedora muitas vezes em algo solitário. Conforme citado por Parasuraman *et. al.* (1996 *apud* BARBOSA *et. al.*, 2011), existem dois tipos de apoio do cônjuge considerados de grande importância na atividade empreendedora: o apoio instrumental e o apoio emocional. O apoio instrumental está relacionado com a participação direta do companheiro no suporte aos cuidados com a casa e com os filhos. Já o apoio emocional está relacionado aos conselhos, informações e desejo de prosperidade da parceira em sua atividade profissional.

Outro fator que contribui para o aparecimento desses conflitos é o acúmulo de funções. A multiplicidade de papéis é uma característica diretamente ligada ao sexo feminino, que é reconhecido pela capacidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo. Apesar de um significativo progresso e de uma maior aceitação da mulher no mercado de trabalho, em sua maioria o trabalho doméstico continua sendo uma tarefa feminina, o que acaba gerando sobrecarga de trabalho para as mulheres, que se dividem entre seus compromissos e responsabilidades profissionais, e a organização e manutenção de suas casas e famílias - algumas ainda precisam dividir seu tempo para os estudos.

Segundo Noor (2002 *apud* LINDO *et. al.* 2007), caso o casal tenha filhos, percebe-se um aumento significativo no número de horas trabalhadas pelas mulheres, pois são consideradas as horas despendidas no trabalho formal e em casa. Como exemplo, o autor cita famílias com três ou mais crianças, onde as mulheres trabalham cerca de 90 horas por semana, enquanto os homens trabalham cerca de 70 horas, o que representa uma diferença de cerca de 2,5 horas por dia.

De acordo com alguns estudos de Crouter *et. al.* (2001 *apud* GUIMARAES, 2010), também existe uma grande diferença na maneira como os homens e mulheres lidam com a pressão no trabalho. Conforme citam os autores, quando há a sobrecarga no trabalho dos pais (homens), a pressão é dividida também com as mães. Porém, quando a pressão é oriunda do trabalho da mãe, a sobrecarga não é repassada, ou seja, ela não envolve o marido, a sobrecarga afeta apenas a ela.

Além disso, a dedicação intensa ao trabalho e a busca incessante para o sucesso e a realização profissional fizeram com que muitas mulheres apresentassem um individualismo exacerbado e uma visão obscura da vida familiar. Muitas desconsideram a importância da construção de uma família, acreditando que isso atrapalharia no sucesso de seus negócios, o que ao decorrer dos anos pode gerar diversos problemas como estresse, sofrimento, solidão, entre outros problemas físicos e emocionais.

O desenvolvimento e a conquista do sexo feminino por autonomia e realização acabou tendo um custo alto para essas mulheres. Os casos de doenças cardiovasculares, grandes causadores de mortes em mulheres, aumentaram consideravelmente nos últimos anos. Igualmente, as doenças ocupacionais também foram agravadas, devido à intensificação no ritmo de trabalho e as muitas jornadas enfrentadas pelas mulheres.

Conflitos oriundos do fator tempo existem, pois muitas mulheres abdicam de suas horas de lazer para priorizarem seus trabalhos, ficando a família à mercê do tempo dedicado ao trabalho. Ou seja, o tempo dispensando à família é o único a ser flexibilizado.

Com relação ao fator comportamento, Silva e Rossetto (2010) consideram que os conflitos em casa ou no trabalho geram consequências para ambas as atividades. No trabalho, pode ocasionar falta de concentração, queda no desempenho e má prestação de serviço aos clientes. Em casa, pode gerar aborrecimentos e discussões.

Já o fator tensão se dá através de momentos estressantes vivenciados em casa ou no trabalho. Esses momentos podem gerar doenças físicas ou emocionais, como problemas de pressão, fadiga e depressão.

Segundo estudo realizado por Strobino e Teixeira (2014), as empreendedoras agem na maioria dos casos de forma a atenuarem os conflitos, ao invés de eliminá-los. De acordo com Jonathan (2007), para o enfrentamento das demandas conflitantes, as empreendedoras adotam basicamente três ações: a organização do tempo, o estabelecimento de parcerias e o uso de dispositivos de alívio de tensão.

A organização do tempo, ainda segundo a autora, envolve principalmente o planejamento e a administração do tempo disponível, juntamente com um forte desejo das empreendedoras em diminuir suas horas de trabalho. Além disso, a ação de organização do tempo envolve também a alternância nos focos de atenção às demandas e a separação dos espaços de ambas as atividades.

A segunda ação, o estabelecimento de parcerias, é uma ação no qual as empreendedoras estabelecem alianças com seus familiares e também com pessoas ligadas ao trabalho, como sócios e funcionários da empresa.

Já a terceira ação, o uso de dispositivos para alívio das tensões, engloba algumas estratégias como viagens, psicoterapia, atividades físicas ou até mesmo a busca pela espiritualidade, e é muito utilizada não somente pelas mulheres empreendedoras.

Tratados os conceitos teóricos essenciais para a compreensão do arcabouço da pesquisa de campo, passa-se a apresentar a estruturação metodológica desta pesquisa.

3. METODOLOGIA

O objetivo deste estudo é identificar os fatores determinantes para o surgimento de conflitos que envolvam o trabalho e a família de mulheres empreendedoras. Assim, a presente pesquisa teve caráter qualitativo, uma vez que buscou entender o fenômeno (conflito trabalho-família) quanto sua profundidade.

De acordo com Terence e Filho (2006), na abordagem qualitativa, o pesquisador busca compreender os fenômenos que estuda a partir das observações dos participantes da situação enfocada. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa necessita que o pesquisador vá a campo em busca do fenômeno estudado, observando as perspectivas das pessoas envolvidas.

Ainda segundo a autora, vários tipos de dados são coletados e analisados para que se consiga entender melhor o fenômeno estudado.

Utilizando os conceitos definidos por Vergara (2003), a pesquisa foi classificada quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa foi classificada em descritiva e explicativa. Descritiva, pois buscou apontar características presentes no processo do empreendedorismo feminino, quanto ao perfil das mulheres envolvidas e estilo de gestão feminina, descrevendo suas expectativas e percepções em relação a suas atividades. Explicativa, pois buscou compreender os fatores determinantes no surgimento de conflitos na vida pessoal e profissional de mulheres que utilizam o empreendedorismo como atividade geradora de renda.

Quanto aos meios, a pesquisa foi classificada em bibliográfica e de campo. Bibliográfica, pois utilizou como base teórica publicações já divulgadas e de acesso ao público em geral em livros, artigos, periódicos e outros meios, para melhor compreensão dos fatos. A pesquisa também foi de campo, pois coletou dados relacionados ao tema em alguns empreendimentos como fontes de análise.

Os sujeitos da pesquisa foram mulheres empreendedoras atuantes no estado do Rio de Janeiro, que possuem conflitos acerca de suas atividades. A amostra utilizada foi não probabilística intencional, definida por Silva e Menezes (2001) como o critério que seleciona elementos para a amostra que representem o “bom julgamento” da população/universo, sendo composta por cinco empreendedoras de diferentes ramos de atividade, que se disponibilizaram a responder à entrevista.

A coleta de dados foi realizada em meados de novembro de 2014, e para tal foi realizada a aplicação de uma entrevista semiestruturada, com roteiro previamente estabelecido. As entrevistas ocorreram pessoalmente, facilitando assim a captação de informações não verbais, como expressão corporal, gestos e o tom de voz utilizado pelas entrevistadas, conforme afirmou Vergara (2009). Ainda de acordo com a autora, a utilização de entrevistas colabora com informações consistentes e coerentes, conduzindo o leitor a conclusões adequadas. O roteiro das entrevistas foi dividido em cinco blocos:

- I. Identificação da Empreendedora;
- II. Identificação da Empresa;
- III. Identificação do Perfil Empreendedor;
- IV. A relação da Empreendedora e seu Negócio;
- V. A relação do trabalho com a vida pessoal;

Vale ressaltar que todas as entrevistas foram gravadas, com o intuito de não se perder nenhuma informação transmitida pela fala dos sujeitos da pesquisa, garantindo assim que seus discursos fossem mantidos após a transcrição, feita pela própria pesquisadora. Os participantes foram devidamente esclarecidos quanto ao objetivo do trabalho e ao sigilo das informações, e tiveram seus nomes alterados para que fosse mantida a confidencialidade durante a apresentação.

Acerca da pesquisa bibliográfica, foram coletados dados principalmente em livros e artigos presentes em revistas acadêmicas, relacionadas ao tema estudado, para aprofundamento no estudo do papel da mulher no mercado de trabalho e na sociedade, bem como as mudanças no ambiente de trabalho ao longo do tempo e as pesquisas já realizadas sobre o tema.

Com relação à análise das informações obtidas, o tratamento dos dados foi construído à medida que os mesmos foram organizados e começaram a ser trabalhados. Um dispositivo utilizado foi a análise do conteúdo, que segundo Vergara (2005) se refere a fins de descoberta, confirmando ou não suposições já formadas e é baseada tanto em abordagens quantitativas como em qualitativas.

Alguns dados foram então tabulados, gerando assim uma série de informações importantes e essenciais para o levantamento de questões como o perfil da mulher empreendedora. Através dos resultados foi possível obter também as características da gestão feminina e, principalmente, os fatores geradores de conflitos na vida pessoal e profissional de mulheres empreendedoras, objeto principal da investigação.

Portanto, com o objetivo de elucidar a pesquisa, no próximo capítulo serão apresentados os resultados obtidos através das entrevistas, por intermédio de gráficos, tabelas e trechos das entrevistas realizadas, a fim de explicar o posicionamento das entrevistadas.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos através das entrevistas realizadas com cinco mulheres empreendedoras atuantes no estado do Rio de Janeiro, com o intuito de identificar os principais fatores geradores de conflitos na vida pessoal e profissional do sexo feminino. Vale ressaltar que os nomes apresentados nesta pesquisa são fictícios, com o intuito de preservar a identidade das mulheres entrevistadas.

A apresentação dos dados seguirá o roteiro do levantamento dos dados, para proporcionar uma melhor compreensão do estudo. Na medida do necessário serão realizadas algumas observações que venham a cruzar alguns dados e enriquecer a análise das informações geradas.

4.1 – Identificação da Empreendedora

Neste bloco serão consolidadas informações de idade, estado civil, se tem filhos, escolaridade, renda, motivação para empreender. No Quadro 3, podemos observar a identificação e faixa etária das mulheres participantes da pesquisa:

Quadro 3 - Identificação e Faixa Etária dos Entrevistados

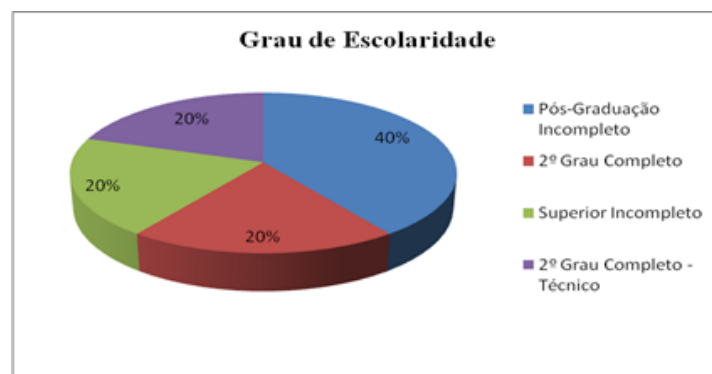
Nome	Idade
Helena	39
Maria	34
Rosângela	46
Sabrina	45
Valéria	37

Fonte: PICANCIO, Dados da Pesquisa de Campo, 2014.

Ao observar a faixa etária das mulheres entrevistadas, podemos comprovar a semelhança encontrada por Machado (1999) em seus estudos, que cita a faixa etária predominante das mulheres empreendedoras entre 31 e 50 anos de idade. Com relação ao estado civil, todas as mulheres entrevistadas são casadas. Apenas uma não possui filhos – mas atualmente encontra-se grávida.

Quanto ao grau de escolaridade, as opções foram divididas em: Fundamental Completo ou Incompleto, 2º Grau Completo ou Incompleto (sinalizando curso técnico), Superior Completo ou Incompleto e Pós-Graduação Completo ou Incompleto, conforme observado no Gráfico 1:

Gráfico 1: Grau de Escolaridade

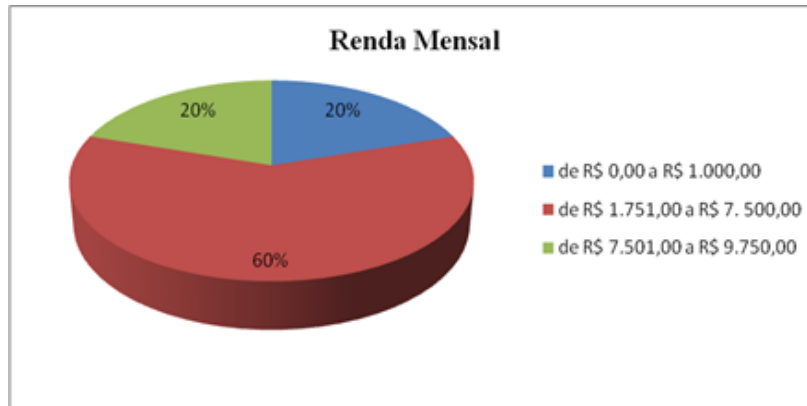


Fonte: PICANCIO, Dados da Pesquisa de Campo, 2014.

Como pode-se observar, das cinco mulheres entrevistadas, duas estão cursando pós-graduação e uma está cursando o ensino superior, representando um total de 60%. Essa informação sustenta a afirmação de Machado (1999), ao identificar no perfil feminino um bom nível educacional.

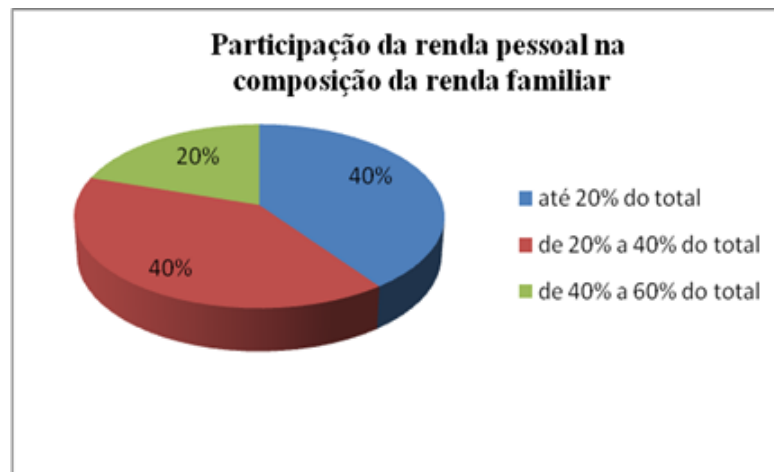
Quanto à faixa de renda mensal e a participação da renda pessoal na composição da renda familiar, nos Gráficos 2 e 3 respectivamente, podemos observar uma importante participação da mulher, uma vez que 60% do público entrevistado tem participação acima de 20% na composição total da renda disponível para a família.

Gráfico 2: Renda mensal



Fonte: PICANCIO, Dados da Pesquisa de Campo, 2014.

Gráfico 3: Participação da renda pessoal na composição da renda familiar



Fonte: PICANCIO, Dados da Pesquisa de Campo, 2014

Quando questionadas a respeito do que as levou a empreender, apenas uma das mulheres entrevistadas citou a oportunidade observada como fator determinante para a abertura do negócio, e uma citou a sucessão familiar, enquanto três citaram a necessidade de geração de renda, o que corrobora a informação de que o grande impulsionador do empreendedorismo feminino é a necessidade de renda (SEBRAE, 2005), conforme ilustra o Gráfico 4.

Gráfico 4: O que a levou a empreender?



Fonte: PICANCIO, Dados da Pesquisa de Campo, 2014.

4.2 - Relação empreendedora e seu negócio

Quanto à questão da experiência profissional, todas as entrevistadas já possuíam algum tipo de experiência nas mais diversas atividades, como pode-se observar no relatos abaixo:

“Sim, tive cinco experiências anteriores. Quando eu terminei a faculdade comecei como auxiliar de RH e nessa mesma empresa passei para assistente e depois para analista, onde eu fiquei responsável pelo treinamento dos vendedores daquela empresa. Depois eu fiz um trabalho temporário em uma consultoria para fechar uma vaga específica, então fiquei lá três meses. Depois eu fui como terceirizada para a IBM como analista de seleção. Depois eu fui para o CIEE como analista também de seleção dos estagiários, principalmente do Tribunal de Justiça, e depois trabalhei em uma indústria como analista sênior para a implantação de sistema, específico de RH. Paralelo a todas elas eu trabalhei com avaliação de concurso público, e aí era específico só com avaliação psicológica.” (Maria)

Com relação aos fatores que as motivaram a se tornarem empreendedoras, cada entrevistada citou um motivo, conforme trechos abaixo:

O fato de poder trabalhar e executar as atividades dentro da ética da minha profissão.” (Maria)

“Vontade de realizar um sonho.” (Helena)

“Acho que foi a flexibilidade de ser autônoma.” (Valéria)

“O baixo salário de professora.” (Simone)

“Pela oportunidade do negócio.” (Rosângela)

Na fala da Helena, pode-se identificar a afirmação que Dornelas (2008) faz ao citar que “o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade”. De acordo com o autor, o empreendedor é um sonhador realista.

Com relação à maneira como as empreendedoras perceberam a oportunidade do negócio, pode-se observar características típicas dos empreendedores, conforme trecho abaixo:

“Difícil a pergunta (risos). Eu não identifiquei a oportunidade, eu simplesmente sou meio "Poliana", e eu queria, eu tinha a percepção e tenho até hoje que as pessoas estão muito longe de conhecerem o seu próprio corpo e de saberem quem são. E isso gera infelicidade nas pessoas. Então a minha ideia era fazer com que um empresário que está o tempo todo sentado, sem saber que tem corpo, ele pudesse se perceber, ter uma consciência dele mesmo e com isso ser mais feliz. Que ele pudesse registrar, entender que ele tem um corpo, quem é ele, respirar, poder falar com as pessoas, sorrir, em vez de passar 24h, 10h, 15h no ambiente de trabalho sem dar um "oi" para o colega. Então as pessoas andam sem saber que tem pé, trabalham sem saber que tem cabeça, e acham que tem uma cabeça separada de um corpo e tem um corpo, então a ideia era fazer com que as pessoas se tornassem mais felizes no ambiente de trabalho, mais relaxados, com mais humor.” (Helena)

Na fala da Helena, pode-se observar claramente a proposta do bem-estar coletivo, o desejo de melhoria não somente para si, mas também para a sociedade, que é uma das premissas do empreendedorismo, conforme citado por Dornelas (2008). De acordo com o autor, o empreendedorismo não pode se limitar apenas ao enriquecimento pessoal, mas ao bem-estar social do local. Além disso, na fala da Maria podemos identificar também uma importante característica empreendedora, que é a análise do cenário, a observação e o estudo do mercado em que se deseja atuar, aproveitando as oportunidades.

Quando perguntadas sobre como encaram o mercado competitivo no seu ramo de atuação, todas as entrevistadas mostraram grande conhecimento a respeito de seus concorrentes e do mercado aonde atuam, conforme podemos observar abaixo:

“Eu tenho muita concorrência, e cruel inclusive, principalmente com essa facilidade de chegar produto da China. Nós tivemos que optar, ou a gente sai do mercado, ou a gente faz o que eles fazem, então nós vamos fazer o que eles fazem, porque senão a gente não sobrevive. Com isso, muitas empresas aqui no Brasil estão fechando.”
(Rosângela)

Na fala da Rosângela, ao citar a concorrência desleal, a empreendedora sugere uma maneira de se adaptar à nova condição do segmento aonde atua, mostrando uma característica empreendedora de grande importância para a sobrevivência do negócio, que é a habilidade em lidar com as mudanças, conforme citado por Hisrich (2004).

Quanto aos pontos fortes, considerando o papel de empreendedora, observou-se alguns fatores em comum, como dedicação e determinação, conforme citado por Machado (1999) como características empreendedoras femininas. Em sua fala, Helena novamente se definiu como uma pessoa sonhadora, defensora de uma ideia, e que “vai até o fim”. Além disso, foram citados pelas empreendedoras: criatividade, jogo de cintura, clareza na necessidade dos clientes, transparência, confiança e organização.

Quanto aos pontos a melhorar, foram citados: busca de mais capacitação, medo de falhar, distribuição de tarefas, organização da rotina diária, ansiedade e controle emocional. Esses fatores são frequentemente observados na vida das mulheres empreendedoras, e são constantes causadores de conflitos e doenças emocionais e ocupacionais.

Quando questionadas a respeito do que é ser uma empreendedora de sucesso, as entrevistadas emitiram a seguinte opinião:

“É trabalhar muito” (Maria)

“É ser feliz, fazer o que gosta.” (Helena)

“Ser flexível, aceitar algo novo.” (Valéria)

“É aquela que se dedica, planeja e dá certo. O dinheiro é a consequência, quem entra em um negócio pensando só no dinheiro não dá certo.” (Rosângela)

Com relação ao lado positivo de ser empreendedora, foram citados: maior visibilidade no mercado, sensação de autorrealização e, principalmente, a flexibilidade no horário, grande fator motivador do empreendedorismo feminino, conforme afirma Strobino e Teixeira (2014):

“Você concretizar um sonho, você ter flexibilidade com a sua rotina. Como é seu, você pode organizar melhor a sua rotina, é ser mais livre, é ser menos enquadrado, por mais que as vezes você trabalhe muito mais. Eu estou sábado, domingo, 22h, 5h focada nas minhas ideias... mas tem o lado positivo e o lado negativo.” (Helena)

Como relação ao lado negativo de ser empreendedora, foram citados: exposição, desvalorização e, principalmente, o excesso de horas dedicadas ao trabalho, conforme exposto por Helena:

“Você trabalha muito mais, você não consegue relaxar nem 10 minutos, você tira férias e não consegue relaxar. Você se sente responsável por muitas famílias, eu tenho uma carga de responsabilidade maior do que eu gostaria de ter.” (Helena)

Ao analisar a fala da entrevistada, pode-se observar o impacto que o tempo dedicado ao trabalho pode gerar na vida pessoal e familiar das mulheres empreendedoras. A carga de responsabilidade que a Helena afirma ter gera estresse e ansiedade, e segundo Silva e Rossetto (2010), pode trazer consequências tanto para o trabalho, como queda no desempenho, quanto para a vida pessoal, como discussões e conflitos.

Todas as mulheres entrevistadas foram categóricas ao afirmarem que não identificaram ter sofrido nenhum tipo de preconceito ou enfrentado dificuldades por serem mulheres, donas de seus próprios negócios. Esse fato pode ser explicado, talvez, pelo apoio familiar que tiveram, muito presente nas falas das entrevistadas.

4.3 - Relação trabalho e vida pessoal

Ao falarem a respeito de seus familiares e, principalmente, de que atividades desempenham ou desempenhavam, observou-se que em cada família existia pelo menos uma pessoa com características empreendedoras. Este fato corrobora a afirmação de Dornelas (2008), que diz que todo empreendedor se espelha em alguém, na maioria das vezes em algum parente ou pessoa próxima. Podemos observar este fato através da falas da Simone:

“Meu pai era motorista de ônibus, já falecido. A minha mãe sempre gostou de cozinhar, então assim, esse negócio de bolo ela sempre gostou de fazer, festinha de aniversário, então eu acredito que eu puxei um pouquinho desse lado dela”. (Simone)

Com relação ao trabalho como empreendedora, um fato que foi citado por três empreendedoras foi a maneira como lidam com os erros e fracassos, e o mais importante, como aprendem com eles, como podemos observar na fala da Simone:

“As dificuldades que a gente têm, os fracassos que a gente encontra, a gente trabalha junto. Na próxima a gente tenta melhorar. Vou dar um exemplo do bolo, as vezes a gente coloca recheio demais no bolo, ai o bolo fica mais trabalhoso pra gente arrumar, então já no próximo eu procuro dar uma melhorada, porque senão eu dificulto o trabalho dela (filha). Então, é assim, é um trabalho diário, e cada erro você tem que voltar atrás, quando é possível a gente retorna tudo de novo. Um doce que não deu certo você tem que fazer várias vezes até chegar ao ponto, então é sempre assim, erro e acerto.” (Simone)

Dentre as mulheres entrevistadas, duas não trabalham com nenhum familiar, e três trabalham com pelo menos um parente direto, o que indica um maior apoio da família. Este fato pôde ser verificado também quando as empreendedoras foram questionadas quanto ao apoio para a abertura do negócio, onde todas afirmaram que tiveram apoio da família. Duas das entrevistadas relataram um pouco de receio da família no início, mas afirmaram que atualmente recebem todo o apoio necessário, e são vistas até mesmo com admiração. De acordo com Parasuraman *et. al.* (1996 *apud* BARBOSA *et. al.*, 2011) esse apoio pode ser classificado como apoio emocional, e está relacionado aos conselhos, informações e desejo de prosperidade da parceira em sua atividade profissional.

As empreendedoras afirmaram que seus familiares lidam bem com seus trabalhos, entretanto, duas relataram que recebem reclamações devido ao tempo dedicado ao trabalho, conforme podemos observar nas falas abaixo:

“Bem, meu marido às vezes puxa a minha orelha porque eu trabalho muito. Como eu saio mais tarde de casa, então eu acabo voltando para casa também mais tarde, então as vezes isso impacta em algumas coisas, mas eles veem como uma possibilidade de um negócio para os nossos filhos.” (Maria)

“Apoiam, mas reclamam, principalmente a minha filha. Ela está nessa fase de adolescência, 14 anos, então ela cobra muito, porque muitas vezes a gente só chega à noite, as vezes ela já está dormindo.” (Rosângela)

Pode-se observar nas falas das entrevistadas novamente o fator tempo como gerador de insatisfação, principalmente por parte dos maridos e filhos. De acordo com Silva e Rossetto (2010), o fator tempo pode trazer conflitos na relação trabalho-família, como redução de tempo para a família, cobrança dos filhos, dificuldade no relacionamento com a família, falta de diálogo com a família, acúmulo de tarefas e sobrecarga de trabalho.

Quando questionadas em relação ao que fazem quando não estão trabalhando, e se possuem algum tipo de lazer durante o dia, três das mulheres entrevistadas afirmaram que todo o tempo que possuem livres é dedicado à família. Além disso, foram citadas idas à igreja, exercícios pela manhã, entre outras atividades. De acordo com Jonathan (2007), esses são chamados de dispositivos de alívio de tensão, que envolvem algumas estratégias como viagens, psicoterapia, atividades físicas ou até mesmo a busca pela espiritualidade. Além disso, segundo estudo realizado por Strobino e Teixeira (2014), as empreendedoras agem na maioria dos casos de forma a atenuarem os conflitos, ao invés de eliminá-los.

Das cinco mulheres entrevistadas, três afirmaram que suas atividades não afetam suas vidas pessoais. Uma empreendedora afirmou que atualmente sua vida não é afetada, mas no início acontecia com frequência, porém ela determinou um horário e atualmente consegue cumpri-lo. Uma entrevistada afirmou que suas atividades afetam de certa forma sua vida pessoal, principalmente com relação a suas filhas, conforme trecho abaixo:

“Um pouco, mas eu faço tudo com tanto prazer, então... só quando tem muita demanda de trabalho, ou então quando eu tenho que viajar, ou quando eu tenho que fazer algum projeto que eu tenho que levar pra casa no final de semana, ou eu estou muito ligada, e eu sei que afeta porque as minhas filhas falam ‘Ai, só pensa em trabalhar, só trabalha. Mãe, larga esse computador. Mãe, não sei o que...’”. (Helena)

E por fim, quando questionadas a respeito de quais conselhos dariam a uma mulher que pretende abrir um negócio, foram citados: disposição, dedicação, convicção do que quer, estudos constantes, persistência, entre outros fatores, conforme podemos observar nas falas abaixo:

“Tem que ter muita disposição, porque as pessoas acham que ter um negócio próprio é ter flexibilidade no horário. De fato a gente tem flexibilidade, mas na verdade a gente trabalha muito mais do que quando trabalha para os outros, porque trabalhar para os outros eu tenho o meu salário todo mês bonitinho na minha conta, e ter um negócio pronto a gente trabalha o dobro e nem sempre tem o mínimo para "curtir". Hoje por exemplo eu fui para um congresso de manhã, e aí eu tenho que compensar. Não é compensar porque eu tenho que compensar o horário, mas eu tenho que compensar as atividades que ficaram pendentes, porque sou eu que faço, não tem outra pessoa.” (Maria)

“A primeira coisa é saber se realmente gosta do negócio, abrir por abrir, pensando no dinheiro, pode desistir, fecha antes de abrir, porque não vai dar certo. O primeiro conselho é esse, saber o que gosta, ter admiração do que gosta. Outro conselho é ser persistente, muito, muito persistente, e pra ser persistente você tem que acreditar no seu sonho, porque senão não vai dar certo. Não adianta você abrir uma franquia, ou alguma coisa se você não tem a menor vocação, o menor desejo, vai achar um saco, e se achar um saco não vai sair do lugar, tem que ser bom.” (Helena)

“Ter convicção do que você quer. Ouvir sim, mas ter determinação, porque principalmente quando você é muito nova, e eu casei muito nova, o marido influenciou um pouco. ‘Tem certeza de abrir mão de um trabalho que o salário era bom?’ e corria esse risco. Saber realmente o que quer. Fazer muitas coisas ao mesmo tempo, acho que você tem que estar focada.” (Valéria)

“Não ter medo de começar, de procurar se capacitar. Eu acho que a primeira coisa é se capacitar, você tem que se capacitar primeiro para depois vencer.” (Simone)

“Você tem que se dedicar muito ao trabalho, pesquisar sobre o negócio, a atividade, a concorrência. Tem que ter muita disposição.” (Rosângela)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal investigar os fatores determinantes no conflito trabalho-família na vida de mulheres empreendedoras atuantes no estado do Rio de Janeiro. Além disso, buscou-se obter as respostas para os demais objetivos da pesquisa: Apontar as características da mulher empreendedora, apresentar os fatores que motivam o sexo feminino a empreender e analisar os impactos causados pelos conflitos na vida pessoal e profissional das empreendedoras.

De acordo com a análise dos resultados, o principal fator gerador de conflito, tanto na vida pessoal quanto profissional das mulheres empreendedoras, é o fator tempo. Apesar de a atividade empreendedora oferecer certa flexibilidade quanto à definição da rotina da proprietária do negócio, através das entrevistas identificou-se que essas mulheres possuem uma extensa carga horária de trabalho, pois não conseguem definir uma barreira entre trabalho e família.

Observou-se também que outro fator determinante para a existência de conflitos é o fator tensão, conforme já apresentado por Silva e Rossetto (2010). Este fator surge através do alto nível de responsabilidade que estas mulheres empreendedoras carregam consigo, além do acúmulo de funções, e podem afetar a vida pessoal e profissional, fazendo com que estas mulheres apresentem quadros de estresse, ansiedade, impaciência e em algumas vezes até mesmo queda de produção no trabalho.

Esses conflitos impactam diretamente na vida familiar das empreendedoras, sobretudo na relação com seus filhos e maridos, pois geralmente o tempo dispensado à família é o único a ser flexibilizado. Conforme identificado nas entrevistas, na maioria dos casos as empreendedoras agem de forma a atenuar os conflitos, ao invés de eliminá-los. Dessa forma, são necessários alguns dispositivos para alívio da tensão, como psicoterapia, atividades físicas ou até mesmo a busca pela espiritualidade.

Em suma, a presente pesquisa teve como principal objetivo identificar quais fatores podem gerar algum tipo de conflito na vida de mulheres que empreendem, impactando suas famílias e negócios. Logo, não pretendendo obter conclusões definitivas e nem esgotar o assunto abordado, de modo que se recomenda a continuidade dos estudos acerca do tema em questão.

Fica a indicação de pesquisas futuras que aprofundem este estudo, para melhor contextualizar o tema do empreendedorismo feminino.

6. REFERÊNCIAS

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo Feminino: Razão do Empreendimento**. São Paulo: Uniesp, 2011. Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/finan/pitagoras/downloads/numero3/empreendedorismo-feminino.pdf>. Acesso em: 19/11/2014.

ANGELO, Eduardo Bom. O empreendedorismo corporativo como estratégia de gestão em organizações contemporâneas. **Anais do XXV Encontro Nac. de Eng. de Produção** – Porto Alegre, RS, Brasil, 29 out a 01 de nov de 2003. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENECEP2005_Enecep0707_1043.pdf. Acesso em: 28/10/2014.

BARBOSA, Felipe Carvalhal; CARVALHO, Camila Fontes de; SIMÕES, Gêssica Maria de Matos; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: Estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracaju – Sergipe. **Revista da Micro e Pequena Empresa** [online]. Campo Limpo Paulista, v.5, n.2, p. 124-141. 2011 (Mai/Ago). Disponível em: <http://www.faccamp.br/ojs/index.php/RMPE/article/view/199>. Acesso em: 27/10/2014.

BARRETO, L. P. **Educação para o Empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresa da Universidade Católica de Salvador, 1998.

BOAS, Andréa Villas; DIEHL, Bruna Villas Boas. **Elas empreendedoras**. São Paulo, 2012.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 30/11/2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DAMASCENO, Luiza Débora Jucá. **Empreendedorismo Feminino: Um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas**. Trabalho de Conclusão (Monografia). Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010. Disponível em http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos_e_textos/A_mulher-e-o-mercado_de_trabalho/017%20-%20Empreendedorismo%20feminino.pdf. Acesso em: 27/09/2014.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luíza**. São Paulo: Editora de cultura, 2006.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: Transformando Idéias em Negócios**. 2ª Ed - Rio de Janeiro: Campus, 2001.

_____. **Empreendedorismo: transformando Idéias em negócios**. 3ª Ed - Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____. **Empreendedorismo corporativo**. 2ª Ed - Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2012** \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; autores: Tales Andreassi, Mariano de Matos Macedo... [et al] -- Curitiba : IBQP, 2012.

_____. **Empreendedorismo no Brasil: 2013** \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; autores: Mariano Macedo Matos... [et al] -- Curitiba: IBQP, 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. ERA - **Revista de Administração de Empresas** [online]. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, Mai./Jun. 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 02/11/2014.

GOMES, Almirava Ferraz. **Mulheres Empreendedoras**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2006.

GUIMARAES, Maria da Glória Vitório. **Vida familiar e profissional: desafios e perspectivas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.

HISRICH, Robert D; PETERS, Michael P. **Empreendedorismo**. Tradução: Lene Belon Ribeiro. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

JONATHAN, Eva G.; SILVA, Taissa M. R. da. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2007, vol.19, n.1, pp. 77-84. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100011&lang=pt. Acesso em: 22/09/2014.

KÜHNER, M.H. O desafio atual da mulher. Rio de Janeiro: F. Alves. 1977.

LINDO, Maíra Riscado; CARDOSO, Patrícia Mendonça; RODRIGUES, Mônica Esteves; and WETZEL, Úrsula. **Vida Pessoal e Vida Profissional: os Desafios de Equilíbrio para Mulheres do Rio de Janeiro**. RAC-Eletrônica [online]. v. 1, n. 1, art. 1, p. 1-15, Jan./Abr. 2007. Disponível em http://www.anpad.org.br/periodicos/arq_pdf/a_621.pdf. Acesso em: 25/10/2014.

MACHADO, H. V. Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora. XXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração. 23. 1999, Foz do Iguaçu. **Anais ENANPAD**. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999, p. 139-148. Disponível em http://www.mulheres.gov.br/mais-mulheres-no-poder/debates/genero-e-mercado-de-trabalho-pr/tendencias_do_comportamento.pdf. Acesso em: 26/10/2014.

MARTINS, Cibele Barsalini; CRNKOVIC, Luciana Helena; PIZZINATTO, Nadia Kassouf; MACCARI, Emerson Antonio. Empreendedorismo Feminino: Características e perfil de gestão em pequenas e médias empresas. **Revista de Administração da UFSM** [online]. 2010, v.3, n.2, p. 288-302. Disponível em <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reaufsm/article/view/2378/0>. Acesso em: 05/10/2014.

NATIVIDADE, Daise Rosas da. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública** [online]. vol.43, no.1, Rio de Janeiro, Janeiro/Fevereiro. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122009000100011. Acesso em: 20/09/2014.

SANTOS, A. L. dos. 10.000 Mulheres: Empreendedorismo feminino em foco. **GV-executivo**, v. 11, n. 2, julho-dezembro, 2012. Disponível em <http://rae.fgv.br/gv-executivo/vol11-num2-2012/10000-mulheres-empresendedorismo-feminino-em-foco>. Acesso em: 22/09/2014.

SEBRAE. Fascículo 1 - **Manual do empresário**, 2005. Disponível em [http://www.sebrae.com.br/bis/bds/BDS.nsf/BECA25B60A8F51D8032570F8006539AF/\\$File/fascicul_o_1.pdf](http://www.sebrae.com.br/bis/bds/BDS.nsf/BECA25B60A8F51D8032570F8006539AF/$File/fascicul_o_1.pdf). Acesso em: 03/11/2014.

SILVA, Anielson Barbosa da; ROSSETTO, Carlos; REBELO, Luiza. Fontes e consequências dos conflitos na relação trabalho-família de mulheres-gerentes. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão** [online]. 2010, vol.9, n.4, pp. 15-25. Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-44642010000300003&lang=pt. Acesso em: 25/10/2014.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

STROBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração** [online]. v. 49, n. 1, p. 59-76, 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-21072014000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 12/10/2014.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; FILHO, Edmundo Escrivão. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. **Abepro** [online] - XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006. Disponível em http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf. Acesso em 03/11/2014.

TOMEI, Patrícia Amélia; RUSSO, Giuseppe Maria; ANTONACCIO, Carla Francisca Bottino. **Cultura Empreendedora – Guia Prático para seleção de empreendedores**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Office Book Editora, 2008.

TONELLI, Maria José; ANDREASSI, Tales. Mulheres Empreendedoras. **GV-executivo** [online]. v. 12, n. 1, janeiro-junho, 2013. Disponível em <http://rae.fgv.br/gv-executivo/vol12-num1-2013/mulheres-empendedoras>. Acesso em: 12/10/2014.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4ª Ed – São Paulo: Atlas, 2003.

_____, Sylvia Constant. **Método de Coleta de Dados no Campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

_____, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.